

# MATERIAL DIDÁTICO COMO FERRAMENTA NA TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO TRADICIONAL PARA OS PROFESSORES TERENA

## *DIDACTIC MATERIAL AS A TOOL IN THE TRANSMISSION OF TRADITIONAL KNOWLEDGE FOR TERENA TEACHERS*



**Paulo Roberto Vilarim\***

(<https://orcid.org/0000-0001-7709-2829>)

**Sérgio Paulo Jorge Rodrigues\*\***

(<https://orcid.org/0000-0002-4640-7039>)

**Décio Ruivo Martins\*\*\***

(<https://orcid.org/0000-0001-6911-5445>)

## INTRODUÇÃO

Esta investigação integra uma pesquisa de doutoramento em História da Ciência e Educação Científica na Universidade de Coimbra – Portugal. Tem como objetivo contribuir para o debate em torno da produção, seleção e uso de material didático através dos relatos<sup>1</sup> dos professores Terena do Mato Grosso do Sul - Brasil. Durante o mês de outubro de 2021, foram entrevistados trinta e um (31) professores<sup>2</sup> Terena de seis comunidades in-

\* Professor. Instituto Federal de Mato Grosso do Sul – IFMS. Universidade de Coimbra/Estudante de Doutoramento. E-mail: paulo.vilarim@ifms.edu.br.

\*\* Professor. Universidade de Coimbra. Portugal. E-mail: spjrodrigues@gmail.com.

\*\*\* Professor. Departamento de Física. Faculdade de Ciências. Universidade de Coimbra. Portugal. E-mail: decio@uc.pt.

<sup>1</sup> Foi utilizado o nome próprio dos interlocutores, respeitando sua participação nesta pesquisa.

<sup>2</sup> A pesquisa foi submetida ao comitê de ética da Universidade de Coimbra e na Plataforma Brasil. Todos os professores assinaram um termo de aceite à entrevista assim como os líderes das comunidades. Sempre respeitando suas individualidades e sua cultura.

dígenas [Terena] no estado do Mato Grosso do Sul (MS) - Brasil. A intenção das entrevistas semiestruturadas (TRIVIÑOS, 1987; MANZINI, 1990/1991) foi identificar como o professor Terena transmite o conhecimento tradicional em suas práticas pedagógicas, este trabalho de campo faz parte de uma pesquisa maior de doutoramento em história da ciência e educação científica realizada na Universidade de Coimbra/Portugal.

Neste artigo iremos analisar como ocorre a relação dos professores indígenas das escolas nas comunidades Terena [MS] com o material didático através de seus relatos. E neste aspecto analisaremos quais materiais estão sendo desenvolvidos e quais fatores são preponderantes para a produção de materiais didáticos específicos para educação escolar indígena.

Os áudios das entrevistas foram gravados e posteriormente transcritos de forma literal, respeitando o vernáculo dos interlocutores que tem o Terena (Língua Aruak) como língua materna e a língua portuguesa como segundo idioma. Por este motivo, o leitor notará ao ler nos relatos dos interlocutores algumas discordâncias na grafia, pois por serem bilíngue o português é uma língua franca para muitos dos sujeitos da pesquisa.

A metodologia utilizada foi à análise textual discursiva (MORAES 2003; MORAES; GALIAZZI, 2016) nas transcrições e o descritor “Material Didático” ressaltou dos relatos dos interlocutores. A partir do destaque das falas acerca do material didático foi realizada uma desconstrução e reconstrução dos recortes das entrevistas, que evidencia uma narrativa que corrobora a análise dessa temática. Alguns elementos são importantes para que os professores indígenas possam produzir um material didático de qualidade e incorporem o conhecimento tradicional na sua prática pedagógica: o protagonismo na produção e elaboração do material didático; a formação continuada e as parcerias com as instituições de ensino e secretarias de educação.

Pretende-se, com este trabalho, contribuir para a promoção de algumas discussões sobre os tipos de materiais que estão sendo produzidos para as comunidades indígenas e, em especial, para os Terena. Resignificar o material didático produzido pelos Terena na divulgação do etnoconhecimento e no se refere à sua produção textual e audiovisual, tendo a impressão digital do professor Terena que, em comunidade, alicerça suas *práxis* diária.

## MATERIAL DIDÁTICO: Uma introdução sobre o tema

O material didático cumpre na *práxis* do professor um papel importante na construção de um caminho do conhecimento e no processo de transformação do profissional através do diálogo entre teoria e prática. Vários pressupostos provêm do material didático ou do livro didático: Aproximar o aluno da realidade do que se quer ensinar; motivar a aula; facilitar a percepção e compreensão dos fatos e conceitos; auxiliar a fixação da aprendizagem pela impressão mais viva e sugestiva que o material pode provocar; dar oportunidade de manifestação de aptidões e desenvolvimento de habilidades específicas por parte dos alunos; entre outros aspectos (NÉRICI, 1971).

Cabe aqui separar os conceitos entre o material didático e livro didático para prosseguir com tema. Os Livros didáticos aparecem no Brasil por volta do século XIX e, em 1938, no Decreto-lei nº 1.006, de 10/12/38 (ALBUQUERQUE; FERREIRA, 2019). Portanto o livro didático segue sua função bem definida de orientar os professores nos conteúdos a serem trabalhados em cada disciplina. Para Apple (1995), os livros didáticos que estabelecem grande parte das condições materiais para o ensino e a aprendizagem nas salas de aula e que frequentemente definem qual é a cultura legítima a ser transmitida. Teixeira (2011) determina que o livro escolar seja objeto didático e fonte de pesquisa histórica:

O livro escolar é objeto didático e fonte de pesquisa histórica que permite desvelar componentes do currículo escolar ao expressar valores, normas e conhecimentos próprios de uma época e de uma sociedade. (TEIXEIRA, 2011, p. 9419)

Entretanto, o material didático é um conceito mais amplo, pois envolve todo o material destinado a apoiar as atividades pedagógicas; aí se incluem o livro didático e todo o material de apoio na transmissão do conhecimento de acordo ao planejamento pedagógico. A LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, trata especificamente da educação escolar indígena, o material didático é mencionado no Art. 79, Inciso IV, "elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado" (BRASIL, 1996). A produção de material didático é um complemento e recurso na direção que o professor quer dar a sua aula, podendo estar arraigados de sentimentos e pertencimentos da sua vivência. Muitos autores ressaltam a

produção de material didático (CHASSOT *et al.*, 1993; SCHROEDER *et al.*, 1995; DEL PINO *et al.*, 1996; DEL PINO; LOPES, 1997; LOPES *et al.*, 2000) e todos defendem este recurso como um complemento na prática docente.

## MATERIAL DIDÁTICO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

O material didático na educação escolar indígena vem carregado de representações locais que possibilitam ao professor conduzir os conteúdos trabalhados em sala de aula de modo adequado ao seu planejamento. Em 2015, o Censo Escolar do Ministério da Educação (MEC) apontou que somente 53,5% das escolas indígenas do país possuem material didático específico para o grupo étnico, ou seja, em aproximadamente metade das escolas este não está disponível (BRASIL, 2015). O professor e pesquisador [Terena] Wanderley Cardoso (2011) alerta sobre a escassez de material didático diferenciado para as escolas indígenas:

Não há, ainda, um número expressivo de material didático diferenciado para as escolas indígenas que satisfaça a demanda. No entanto, em alguns municípios encontram-se iniciativas animadoras que mostram o engajamento dos professores indígenas na construção de material didático e literário que contemple os saberes tradicionais de seu grupo étnico. (CARDOSO, 2011, p. 114)

Neste sentido, o professor [Terena] Gerson Alves (2016) informa que, a partir da reformulação do Projeto Político Pedagógico (PPP), um novo olhar surgiu sobre o material didático:

A partir da reformulação do Projeto Político Pedagógico (PPP) para o contexto da educação indígena diferenciada e bilíngüe, passaram a questionar sobre o material didático distribuído pelo MEC e preparado para outros contextos culturais. (ALVES, 2016, p. 52)

Da mesma maneira que o PPP é uma construção coletiva, o material didático pode ser uma construção coletiva. Alves (2016, p. 91) nos informa que a participação da comunidade no “processo pedagógico da escola, fundamentalmente na definição dos objetivos, dos conteúdos curriculares e no exercício das práticas metodológicas, assume papel necessário para a efetividade de uma educação específica e diferenciada”. O material didático influencia e orienta as práticas dos professores em sala de aula. No *Guia para*

*docentes de educación indígena* da UNESCO [México], fala-se da construção de materiais pertinentes para o contexto cultural e indo de encontro com os anseios dos estudantes:

La guía didáctica proporciona a los docentes de educación indígena estrategias que les permitan crear materiales didácticos, pertinentes al contexto cultural y entorno natural en los que se encuentran inmersos sus estudiantes, que fomenten la adquisición de las habilidades de comunicación oral, escucha, lectura y escritura en situaciones educativas mono, bi y multilingües. (UNESCO, 2016, p. 32)

É neste sentido que o professor de [Matemática, Física] Jader fala do material se adequar ao conhecimento local e dos alunos, e de não haver material específico de matemática para o ensino médio:

*Nós escrevemos sobre pequenas histórias da Aldeia Córrego do Meio! Porque é nossa aldeia, né! Histórias assim pequenas. [...] Na verdade, **nós não temos ainda um material didático específico da matemática** né, mas se for pra gente construir, nós somos capaz de construir o nosso próprio material, né! Igual eu tava falando, né! Dava pra envolver agricultura da nossa própria realidade, como ela falou de casa né, dá pra gente colocar questões voltado para nossa cultura, né. **Porque o aluno já facilita para ele! Se ele já tem conhecimento do que a gente tá falando, é fácil para ele poder captar, né!** Então nós não temos um material específico, mais a gente sempre usa alguns problemas relacionados do nosso dia-a-dia né, aplica né, alguma coisa na nossa sala de aula, né. (JADER (destaque nosso))*

Muitos materiais didáticos já foram produzidos para as comunidades indígenas, contudo, o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI (BRASIL, 1998) traz relatos de professores indígenas denunciando a falta desse tipo de materiais nas escolas e como isso impacta a efetivação de uma Educação Escolar Indígena diferenciada. Depois de 24 anos do RCNEI, ainda há poucos materiais didáticos produzidos para a educação escolar indígena e, na sua totalidade, estão focados em mitos, lendas, contos, matemática básica (etnomatemática), dicionários, entre outros. D’Angelis (2008, p. 32) afirma que, “se o único foco dos escritores indígenas forem as crianças, muitos temas jamais aflorarão ou poderão ser objeto da reflexão escrita, e outros não terão oportunidade de receber um tratamento adulto”. A professora de Geografia e Artes Lilian, fala das adaptações e da busca por material adequado:

*Alguns materiais a gente coleta, que dá para a gente fazer essa adaptação. Mas não é todos, também tem muitos materiais que são do Pré ao Quinto ano, que dá pra utilizar bastante. E aí no caso do ensino médio, um pouco, né! E aí a gente readapta de novo, né! A questão deles, do ensino médio. (LILIAN)*

A fala da professora Lilian evidencia uma necessidade de interação e produção entre professores a fim de sanar com esta deficiência, mas, para além disso, os motivos que levam a este nível de deficiência em relação ao material didático perpassam diferentes dimensões que vão desde a gestão até características e níveis de formação dos professores.

Meliá (1979) refere que o material utilizado nas escolas indígenas é aquele padronizado para as unidades escolares, desde cartilhas, cadernos, mapas, livros de leitura, livros de iniciação à matemática, às ciências formam a base dos instrumentos de ensino, não havendo, assim, seleção e preparação especial de material escolar para as escolas indígenas. Contudo, nem toda escola recebe os materiais ou tem infraestrutura adequada, como relatam Rosa; Souza e Okada, (2020):

*No Brasil, dados do Censo da Educação Básica (INEP, 2018) apontam o número elevado de escolas indígenas sem tratamento de água (1.970), esgoto sanitário (1.634) nem energia elétrica (1.076), falta de biblioteca (3.077) e banda larga (3.083). Outros pontos observados nos dados do Inep (2018), divulgados pelo MEC (2019), é que cerca de 30% (1.029) das 3.345 escolas não funcionam em prédios escolares e quase metade (1.546) não utiliza material didático específico da educação indígena. Esses dados evidenciam situações delicadas em relação à educação dos povos indígenas. (ROSA; SOUZA; OKADA, 2020, p. 1055)*

Ou no relato da professora Maria [Coordenadora e Professora das séries iniciais]:

*No Município nós temos os livros didáticos, são bem poucos os professores que usam. Porque não vem a quantidade certa para todos os alunos e nós não fomos ensinados a trabalhar com livro. Então cada professor tem essa metodologia, cada professor faz o seu plano de aula. (MARIA)*

Para Souza (2017, p.43), ainda impera o colonialismo na imposição na educação escolar indígena quando a Secretaria de Educação “impõe a estrutura física da escola, o material didático, o calendário escolar ou quando vigia e controla as práticas do professor”. Entretanto, o que mais chama a atenção

é que, no geral, há poucos materiais didáticos destinados ao ensino médio e divididos por área, e em especial ao ensino diferenciado, seja Terena ou para outras etnias. De Oliveira e Vecchia (2020, p. 32) apontam que “produzir materiais didáticos para todos os anos de escolaridade, para as comunidades indígenas é uma maneira de evidenciar a cultura e a língua dentro da escola”.

Além da deficiência relatada em relação ao material didático, a formação inicial é apontada como insatisfatória no sentido de não proporcionar ao estudante, futuro professor, a construção e desenvolvimento de competências necessárias a sua formação. Em relação a isto, o professor Ener [História e Artes] fala da falta de capacitação na sua formação universitária para produzir esse material diferenciado:

*Não! Tem um livro que chama “O Povo Terena” [BITTENCOURT; LADEIRA, 2000]. Tem mitologia, tem todinho essa transmissão Terena nela!*

**Pesquisador:** *Você não pensa em escrever o seu material, não?*

*Sim! A gente pensa, né! A gente escrever tudo, mais ainda não comecei, né! Eu acho que é difícil. Porque, não sei você?! Mais a gente na faculdade. Ninguém ensina a gente fazer isso! Não! Ou você aprende fazendo, e depois fica difícil pra você aprender a fazer isso sozinho. (ENER)*

Outro fator que influencia negativamente para esta questão de produção do material didático é a precariedade das escolas nas aldeias, pois não apresentam infraestrutura adequada nem pessoal suficiente para suprir todas as demandas a escola, ao trazer uma sobrecarga ao trabalho docente que extrapola as possibilidades de sua formação. Neste contexto, os professores acabam por assumir muitas disciplinas para as quais nem sempre apresentam formação adequada. Para além disso, a falta de concurso para contratação de profissionais especializados corrobora ainda mais para este quadro caótico.

O professor Arcenio [Matemática e Língua Materna], com vinte e um anos de magistério, fala da diferença em se trabalhar com material para as disciplinas da área comum e trabalhar a disciplina em língua materna:

*Eu dei aulas de língua Terena também, eu já usei na língua Terena. Já fiz um! Elaborei conteúdos, mesmo porque em língua Terena não tem, não tem materiais específicos! Igual à matemática, biologia você pega um livro e **já tem tudo lá!** Em língua Terena, eu sempre falo: - Tem que ser um artista né, pra dar aula de*

*língua Terena. Ai a gente precisa de um tempo a mais, porque o professor. E isso também está contemplado na questão da educação escolar indígena. Porque esses professores são professores e pesquisadores, e tinham que ganhar mais ainda, fazendo as suas pesquisas, né. A gente não tem uma abertura pra gente tratar esse assunto, é fechado. (ARCENIO) (destaque nosso)*

A fala do professor Arcenio evidencia a absorção dos livros direcionados às disciplinas de área comum e da dificuldade em produzir um material próprio. O professor pesquisador, que produz seu próprio material, normalmente está direcionado à língua materna e não para as outras disciplinas do núcleo comum. “Já tem tudo lá” é a evidência que o ensino diferenciado não tem sido tão diferente assim; os livros didáticos enviados pela Secretaria de Educação são possivelmente trabalhados sem diferenciação na metodologia de ensino. Troquez (2019) fala da construção de material didático diferenciado e da lacuna para os outros conteúdos escolares ditos “especializados”:

[...] a construção de material diferenciado nos moldes exemplificados pela coleção dos livros didáticos do RCNEI (1998) suprem uma lacuna importante, que é a produção de material didático com foco nas epistemologias e nos conhecimentos tradicionais locais, voltados aos grupos étnicos específicos. Contudo, fica uma grande lacuna a ser preenchida que é a construção de materiais didáticos diferenciados e específicos constituídos dos outros conteúdos escolares ditos “especializados”, constituintes do currículo e considerados importantes que os alunos aprendam. (TROQUEZ, 2019, p. 218)

Em relato de uma professora Xucuru (PE) no RCNEI (BRASIL, 1998) já se evidenciava a dificuldade enfrentada por professores devido à falta de um material didático adequado:

As dificuldades que vivemos para construir esta escola diferenciada é que não temos livros diferentes. Os que temos são iguais aos da cidade e não falam de nossos povos indígenas... Este problema pode ser superado através da produção de livros nossos... Em cursos de formação e capacitação. Maria José Lima, Professora Xucuru (PE). (BRASIL, 1998, p. 80)

Esta dificuldade pode ser justificada pela ineficiência da formação básica nas instituições de ensino superior, como relatado pelo professor Ener supracitado, ou pela falta de formação continuada interessada na questão da orientação e produção de material didático, ou ainda na organização do tempo docente que impõe aos professores indígenas uma sobrecarga de multitarefas.



De fato, são muitos os fatores que influenciam na produção (ou não) de materiais didáticos adequados às escolas indígenas. Entretanto, ao mesmo tempo em que os professores indígenas assumem estas dificuldades, também ensinam superá-las, evidenciando o desejo de conhecimento para tanto.

## FORMAÇÃO CONTINUADA E ELABORAÇÃO COLETIVA PARA A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA UMA ESCOLA DIFERENCIADA

O projeto *Ação Saberes Indígenas nas escolas do MS*, projeto regulamentado pelo o MEC, Portaria nº 98, de 6 de dezembro de 2013, e no estado do MS pela Portaria nº 1.061 de 30 de outubro de 2013, que institui o projeto *Ação Saberes Indígenas na Escola*. À frente desse projeto estão quatro instituições de ensino: Universidade Católica Dom Bosco (UCDB); Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS); Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), originalmente organizados em dois Territórios Etnoeducacionais: Cone Sul (povos de língua Guarani e o grupo de Terena que vive na aldeia Jaguapiru em Dourados/MS), e Povos do Pantanal (com as demais etnias do Estado: Ofaié, Guató, Terena, Kadiwéu e Kiquina) (AGUILHERA URQUIZA, 2022). O projeto “Saberes Indígenas” vem lançando entre os Terena uma possibilidade de produzir materiais didáticos e a capacitação dos seus professores. Como na fala da professora Brenda [Língua portuguesa e inglesa], que ressalta o projeto como o responsável pela a sua produção e das comunidades Terena:

– Não trabalho com material que vem pronto já. Eu crio o material!

**Pesquisador:** Ah! Você cria o seu próprio material?

*Sim! E, até então, que a gente tem um programa que é: “ação saberes indígena na escola”. Que também tem toda a região, e abrange, eu acho, que a maioria das etnias do Brasil. Que “Ação indígena”, “Saberes Indígenas” e ali a gente constrói material didático também para poder ser trabalhado. (BRENDA)*

Nos relatos dos professores interlocutores, em sua maioria, o material produzido é direcionado às séries iniciais do ensino fundamental. Nestes, são contempladas as histórias da própria aldeia, histórias contadas pelos anciãos, mitos, lendas e fortalecimento da língua materna.

Estas histórias são relatadas pelo o professor Jader, que escreveu sobre “pequenas histórias da Aldeia Córrego do Meio”, e pelo professor de língua portuguesa Armando, que comenta sobre o livro em construção em parceria com o projeto “Saberes Indígenas”:

*Mas assim a gente produziu agora recentemente um livro Saberes Indígena. Acho que você conhece, né?[...] Então, Saberes Indígena, um livro que ainda não foi publicado, mas outra vez [em outra aldeia Terena] já foi publicado. O nosso ainda não foi publicado, ele vai ser livro de muita serventia para o nosso professor. Não é só histórias, contos da aldeia, brinquedos. Como [era os] brinquedos antigamente, como que era a comida, a vestimenta, os costumes, as tradições. Tudo bem dentro do livro, né! Vai ajudar muito o livro! E a gente mesmo que fez o livro! (ARMANDO)*

Os relatos destes professores apresentam um fator fundante para a construção deste tipo de material que é a colaboração e construção coletiva do objeto. Neste sentido, a construção coletiva deste material envolve toda a comunidade indígena e em especial os anciãos que são as “bibliotecas vivas” e detêm muitas das histórias e dos conhecimentos locais. Para De Oliveira e Vecchia (2020), a produção de material didático para as escolas indígenas de cada etnia precisa ter participação ativa de professores, alunos indígenas e linguistas, para que o trabalho esteja de acordo com a prática cotidiana e linguística da comunidade. E a produção desse material precisa estar intrinsecamente ligada ao fortalecimento da língua e da cultura indígena (p. 31). Como a maioria dos materiais didáticos, em especial os livros didáticos, que vêm do estado e, já na sua prerrogativa, não são direcionados para nenhuma etnia; apresentam um conteúdo generalizado que, por sua vez, orienta a um conhecimento sem sentido para os alunos das escolas indígenas.

Estes livros didáticos podem vir recheados de contradições para a especificidade da educação escolar indígena. Para Cinta Larga e Martini (2021, p. 66), geralmente, esses materiais apresentam os “conhecimentos sistematizados e considerados como universais, ignorando os saberes produzidos pelos grupos historicamente marginalizados, como é o caso dos Povos Indígenas”.

Alves (2016, p. 52) nos informa que os Terena não querem um modelo integracionista o qual ficaria retido num modelo já reproduzido para uma escola não indígena, entendendo que a educação é a busca “precisa do edu-

gador atuante, tornando-se um agente pesquisador, construindo seu material pedagógico”.

Neste sentido que os professores Jabez [Língua portuguesa] e Armando, falam sobre a definição do vernáculo para palavras novas para a língua Terena. Referem que é necessário reunir com toda a comunidade e, em especial, com os anciãos, para defini-las:

Primeira fala:

Sim até própria questão da preservação da língua, né. Por exemplo, o computador né, nós reunimos os anciãos pra dizer. Porque neste momento não existe uma palavra em Terena que se apropria do computador. Tem palavra que se aproxima. Aí, estando com os anciões, que reunimos. Como que é o computador? Ou, como que é o celular? Como a gente pode falar em língua Terena, “o celular”? Aí, eles mesmos em conjunto formalizam a questão da língua. (JABEZ)

Segunda fala:

Na língua Terena não tem a palavra internet, muitos que falam a língua Terena aproxima a palavra internet: **Interneti** [o professor falou em outra entonação para diferenciar as duas formas de expressar a palavra internet.], aproximam. Seria o caso de reunido [com a] comunidade indígena de Mato Grosso do Sul, para especificar um nome pra isso! Igual o conteúdo de língua portuguesa dos livros didáticos, para que viesse para o nossos, para as crianças que viesse mais, com mais usado como um livro indígena, né! (ARMANDO) (destaque nosso)

Para Duarte (2009, p. 29), as línguas minoritárias declinam quando os pais deixam de ensiná-las aos filhos. É neste íterim que a língua majoritária [língua dos brancos] passa ganhar mais importância nas interações familiares. “Portanto, o uso da língua materna nas interações familiares é de suma importância, mas não suficiente à revitalização da língua”. É neste contexto que os materiais didáticos passam a conjugar dois pontos relevantes para os estudantes das escolas indígenas à promoção dos conhecimentos tradicionais em concordância com a língua materna. A professora Marilza [Todas as disciplinas dos anos iniciais, professora regente], fala da dificuldade em construir, dentro do seu planejamento, um material adequado à realidade Terena, pois nem todos os professores são fluentes na língua e os acessos a recursos não são fáceis:

*Então, o que acontece hoje, nós tamo tendo esse problema de incluir dentro do [planejamento] ... A professora Enilda é falante, mas nós não estamos achando*

*uma forma de aplicar isso dentro de um material específico Terena. Foi construído vários, mas a nossa realidade é totalmente diferente. Aqui o acesso não é muito fácil. [...] Acho que nós somos 12 professores, destes 12, uns 6 tem domínio [da língua Terena]. (MARILZA)*

Em relação à fala da professora Marilza, evidenciamos realidades distintas entre as comunidades, como o acesso à internet; salas iluminadas, com ventiladores, além de outros benefícios que não são uniformes e, dependendo dessas condições, as informações e materiais, mesmo os básicos, não chegam a todos e nem em todas as comunidades indígenas.

A falta de atenção e de interesse nas questões problemáticas das escolas indígenas promove a inserção de agentes externos que devem ser tratados com cautela uma vez que a entrada destes agentes na comunidade pode desvirtuar a propagação do conhecimento tradicional na educação escolar indígena. Em relação a isso, o professor Gidião [Língua Materna], comenta sobre um material em Terena produzido por missões evangélicas:

*Olha! Nós temos [material didático], uma missão evangélica da Inglaterra, dos Estados Unidos enviado por eles. Viveram entre nós aqui e confeccionaram um material bom. **Não era aquele que devia estar correto, mais deixaram um caminho muito bom.** E usamos esse material. (GIDIÃO) (destaque no nosso)*

Muitas iniciativas foram realizadas para se produzir material para os indígenas; estas iniciativas, ainda que sejam revestidas de boa vontade, como o professor Gidião expressa em sua fala: “deixaram um caminho bom”, não podem alcançar grande expressão e tão pouco ganhar muito espaço nas comunidades, pois quando se impõem como os olhos e a voz do outro, simultaneamente subjugam a capacidade do professor indígena em produzir seu próprio conteúdo e conhecimento na eminência de descaracterizá-lo, dissociando-o de sua cultura.

Entre os Terenas, em especial, há inúmeros mestres e doutores em diversas áreas que estão nas universidades trabalhando e produzindo muito. A professora Fabricya [Ciências e Mediação Curricular] fala da imposição de um material didático e da pressa em se produzir conteúdo para gerar publicações, sem o auxílio do indígena:

*Aqui a gente tentou fazer [material didático]! Foi a BNCC [Base Nacional Comum Curricular], foi feita para a escola, né. Já chegou ali um modelo pra gente tá*

*seguinte. Só que assim, são muito desestímulo, muita falta de informação pelo que o professor já observaram e vi só minha parte né. E assim muita coisa, tipo assim foi feito uma coisa rápida, que tinha que ser feito e tinha um tempo. E foram colocando as coisas lá e aí a gente acaba não entendendo. Mas a gente sim. As professoras de língua Terena, que a gente focou mais na questão da língua mesmo. Elas sentaram, elas colocaram lá, todas as atividades que elas queriam passar para crianças, das disciplinas delas. E encaminhou. Só que eu não cheguei a ler na parte da língua materna, que tem na BNCC. (FABRICYA)*

Nobre (2016) fala dessa pressa em se produzir conteúdo por parte dos cursos de formação e/ou projetos independentes:

Há uma produção aligeirada de muitos materiais de qualidade discutível, como cartilhas ou coletânea de textos elaborados em Cursos de Formação ou projetos independentes, sem a devida orientação de natureza linguística, pedagógica e antropológica, assim como observa-se casos em que a publicação, apesar de ter sido produzida em oficinas participativas, tem pouco ou quase nenhuma utilização por parte dos professores na escola. (NOBRE, 2016, p. 11)

Entretanto, ainda que sob muitos desafios, a produção de material escrito e audiovisual feita pelos indígenas Terena vem progressivamente avançando. Estes materiais são produzidos e divulgados nas redes sociais ou em lançamentos de livros, por exemplo: *Kalivôno*, volumes 1 e 2, (livro didático bilíngue (Terena-Português), voltado ao ensino intercultural e interdisciplinar de Língua Terena e Arte e Cultura Terena); *Itukeovo Terenoe*, (Trata-se de uma coletânea em quatro volumes produzidos por professores Terena de Miranda no qual foi um dos dez finalistas do Prêmio Jabuti 2020); história em quadri-nhos (HQ) *Séno Mókere Káxe Koixomuneti “Sol: a pajé surda”* (HQ em língua indígena de sinais); Textos e Atividades em Língua Terena (trabalho coletivo com autoria dos professores indígenas do Território Indígena Taunay – Ipegue, para serem utilizadas na alfabetização dos alunos indígenas que pertencem às escolas das aldeias); *Vukapanavo – O despertar do povo Terena para os seus direitos: movimento indígena e confronto político do advogado e ativista Terena Dr. Luiz Henrique Eloy Amado*, entre outros trabalhos textuais voltados às comunidades Terena. Além destes trabalhos em textos, podemos destacar o Canal no Youtube de Eliel Terena, canal: *Vemó’u: Língua Terena*<sup>3</sup> como um

---

<sup>3</sup> <https://www.youtube.com/c/ElielTerena/videos>, canal do professor Eliel Terena que ensina a falar a língua Terena.

divulgador da língua Terena, entre outros canais direcionados em espalhar a cultura e a arte Terena.

Segundo De Oliveira e Vecchia (2020, p. 30), a “elaboração de ferramentas pedagógicas destinadas às comunidades indígenas deve ser realizada de maneira cautelosa, dado que cada etnia possui sua língua e seus costumes”. Para Cinta Larga e Martini (2021), a formação inicial e continuada de professores indígenas tem caráter estratégico e pode contribuir de forma significativa na produção de materiais didáticos específicos.

Mesmo diante das dificuldades os professores Terena reconhecem o apoio e, orientação dados por alguns órgãos e instituições como Universidades e Secretarias de Educação para a produção de materiais que sejam específicos e produzidos entre e para os Terena. Neste sentido, mencionamos as falas dos professores interlocutores:

**Primeira fala:** Apoio da Secretaria de Educação

*Nós temos esse material. Até mesmo hoje o Secretário que está atualmente na secretária de educação, Ele gosta, ele quer apoiar mais o nosso projeto. Ele quer publicar mais material. Que a gente tem muitos escritos! Porque é dividido por séries né, desde o pré até o ensino médio. Eu sei que eu fiquei com o segundo ano, eu e minha turma. E a gente trabalha contexto da comunidade nesse material, é tudo história que foram registrados. Desenhos, a gente trabalha os desenhos, grafismo, a fala, né! Como fala! Tudo nesse material. Nós temos um material didático próprio, já. (DEVANE)*

**Segunda fala:** Apoio da UFMS e do projeto “Saberes Indígenas”.

*É, vir da secretaria municipais e do estado não contempla [Os matérias enviados pelo estado, para as escolas, não contemplam o conhecimento tradicional Terena]. Mas nós estamos em fase de finalização e confecção de materiais didáticos. É nós temos o projeto Saberes Indígenas. Já temos um conjunto de textos de orientações, com relação a um material específico que só falta finalizar e a Universidade de Mato Grosso do Sul [UFMS], ela já disponibilizou essa finalização e possivelmente a distribuição após ser publicada desses materiais que vai ajudar bastante. (JABEZ)*

Às vezes, esse material não fica a contento dos professores Terena, em função da diagramação ou das cores, mas é evidente o orgulho que apresentam ao produzirem seus materiais e com os conteúdos específicos para o

ensino de seus alunos. Expressão deste orgulho, a professora Edineide [Língua portuguesa e inglesa] fala do “nosso livro” com o prazer em ser protagonista no trabalho realizado em sua comunidade:

*O nosso livro foi o primeiro material produzido e publicado dentro do Estado [MS]. A gente ficou feliz, mas só que não 100%. Porque havia uma proposta de publicação, tudo ia ser conforme nós queríamos. Foi publicado assim, mas não da forma que a gente gostaria. Diminuíram por exemplo, a fonte, fizeram textos muito pequenos. Porque era para, por exemplo, no quinto na, mas às vezes precisam ser maiores o material, precisa ser muito colorido. Tanto é, quem fez a arte da pintura de todo o trabalho da confecção do desenho foi a indígena, mesmo daqui da comunidade. E aí a gente observou que na diagramação ali começar a diminuir as coisas, não sei se é por conter no mínimo de páginas. Por que tem custo né, então assim o fato que o bom é que foi publicado. Aí o ruim é que ficou nesta parte aí, mas a gente vai levando. (EDINEIDE)*

A fala da professora Edineide reflete a apropriação que o professor Terena tem por seu produto, consciente da qualidade e esmero necessários para encantar as crianças e satisfazer o(s) autor(es).

A pesquisadora Naine Terena de Jesus (2014, p.149) fala que “os professores primam pela criação e direcionamento dos diferentes produtos de comunicação para fortalecer a educação escolar”. O professor de língua portuguesa Armando fala com orgulho que “a minha parte eu construo né, eu construo, pego o meu computador e começo a digitar” e é ouvindo os anciãos, com o auxílio dos seus alunos que os textos vão sendo produzidos: “eu já produzi texto aqui dentro da sala de aula numa fala de um ancião ele contando uma história, num texto narrativo ele contando uma história de vida eu construí junto com meus alunos”.

Essa construção coletiva é importante como um trabalho de integração e parceria necessária para a produção de novos modelos metodológicos e materiais didáticos a serem trabalhados pelos os professores Terena. É neste contexto que o relato do professor Amarildo, que tem formação em Letras, mas ministra as disciplinas de matemática, ciências e língua portuguesa em sua escola, fala da falta de material destinado ao ensino médio, final do ensino fundamental e da importância dessa parceria:

*No momento, nós produzimos, nós já temos já, volume de mais ou menos quatro livros didático. Nós temos, mas no momento é do ensino fundamental. Ainda nós*

*não temos do ensino fundamental final e nem médio. A gente que tá trabalhando em cima, produzindo esse material, por que leva muito tempo, e a gente às vezes precisa de um parceiro pra fazer a impressão. Então, no momento esses livros do ensino fundamental que a gente construiu. Livro didático, quem é que está nos ajudando mais?! São os universitários! Esses universitários tem parceria com o governo federal né, eles sabem o trâmite pra chegar lá. (AMARILDO)*

É expressivo empenho dos professores Terena, em melhorar e estreitar os conhecimentos tradicionais com os conhecimentos científicos, ânsia de produzir conteúdos que reflitam a realidade local de cada comunidade Terena compreendem a importância de parceria com universidades, centros de pesquisas, secretarias de educação constituindo uma iniciativa para auxiliá-los na produção de seus materiais didáticos a fim de assegurá-los em relação a manutenção e propagação da sua cultura e dos seus conhecimentos científicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação escolar indígena é responsável pela educação escolar integrada ao conhecimento tradicional das populações indígenas. Neste contexto de educação escolar, o material didático apresenta um papel essencial para orientação nas decisões e ações dos professores.

No entanto, esse material deve estar impregnado da identidade daquele que vai utilizá-lo: professores e alunos. Aqui nosso entendimento e o dos professores Terena convergem, no sentido de acreditarmos que este material só poderá ser produzido atendendo as necessidades de professores e alunos, se a comunidade docente constituída por estes professores for capaz de se reunir a fim de cumprir com a tarefa de produzir este material.

Contudo, não se trata de uma tarefa que demanda apenas de boa vontade por parte dos professores; é preciso que cada vez mais parcerias sérias e comprometidas com as causas educacionais Terena sejam estabelecidas tendo em vista auxiliar o professor nessa construção, que vai além da produção de material didático, o que perpassa a dimensão da construção e do desenvolvimento do conhecimento necessário aos professores, de modo a conferir-lhes autonomia e condições mais justas para o seu trabalho em sala de aula.



Na fala do professor Gidião acerca do material deixado pelas missões evangélicas: *“Não era aquele que devia estar correto, mais deixaram um caminho muito bom!”*. Deixar um caminho é a iniciativa antiga em se produzir conteúdo que pertence ao outro sem o aval e integração do outro é um caminho, mas não é o pertencimento do outro.

Por este motivo, os professores indígenas têm tido o protagonismo em produzir seus materiais didáticos como complemento das suas práticas pedagógicas. Contudo, o número produzido ainda é pequeno e necessita de um empenho maior para sistematizar a construção e a divulgação de materiais que tenham a impressão digital do Terena.

Os materiais produzidos são mais voltados às séries iniciais, até o quinto ano o que evidencia uma lacuna imensa em relação à produção de materiais destinados ao ensino médio. Isso permite identificar uma dificuldade a ser superada para produção de material voltado aos anos finais. Parte dessa dificuldade pode estar na falta de capacitação, desde a formação universitária até à formação continuada. Outro aspecto importante é a falta de estrutura das escolas indígenas e o acúmulo de funções e multitarefas dos professores indígenas que se desdobram para suprir a falta de profissionais, ou ainda a execução de outras tarefas diárias.

A produção do material didático deve ser resultado de um processo coletivo, implicado com o território, a comunidade e seus saberes ancestrais; entretanto, isso está na contramão do cotidiano escolar vivenciado pelos professores Terena que estão conscientes da necessidade e importância dessa produção, mas que, no entanto, esforçam-se para manter o funcionamento de uma instituição que parece interessar somente a eles.

Este trabalho deixa ao leitor algumas perguntas sem respostas e que somente vivendo o dia-a-dia em escolas indígenas poderiam ser respondidas: Como produzir um material didático que contemple o conhecimento tradicional e o conhecimento científico? Como os professores indígenas Terena podem superar as dificuldades de formação, tempo e organização a fim de viabilizar a produção de seus materiais didáticos?

A verdade é que os professores indígenas fazem o seu melhor, com os recursos que são possíveis e vem produzido à guisa das dificuldades.

## MATERIAL DIDÁTICO COMO FERRAMENTA NA TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO TRADICIONAL PARA OS PROFESSORES TERENA

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo contribuir para o debate em torno da produção, seleção e uso de material didático mediante os relatos de professores Terena do Mato Grosso do Sul (MS) – Brasil. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores indígenas das escolas nas comunidades Terena em MS e utilizou-se Análise Textual Discursiva como metodologia a partir das transcrições. Desta análise, concluiu-se que a maioria dos materiais produzidos pelos e para os Terena está direcionado aos estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental e que parte das dificuldades dos professores indígenas em produzir materiais didáticos está na formação acadêmica e continuada.

**Palavras-chave:** Material didático; Terena; Formação de professores; prática pedagógica.

## DIDACTIC MATERIAL AS A TOOL IN THE TRANSMISSION OF TRADITIONAL KNOWLEDGE FOR TERENA TEACHERS

**Abstract:** This work aims to contribute to the debate around the production, selection and use of didactic material through the reports of Terena teachers from Mato Grosso do Sul (MS) - Brazil. Semi-structured interviews were carried out with indigenous teachers from schools in the Terena communities in MS and Discursive Textual Analysis was used as a methodology from the transcripts. From this analysis, it was concluded that most of the materials produced by and for the Terena is directed to students in the early years of elementary school and that part of the difficulties of indigenous teachers in producing teaching materials is in their academic and continuing education.

**Keywords:** Teaching material; Terena; Teacher training; pedagogical practice.

---

## SOBRE OS AUTORES

### Paulo Roberto Vilarim

Professor de Física do Instituto Federal (IFMS). Bacharel em física pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Licenciado em física pela Universidade Tecnológica Federal (UTFPR), Mestre em Física da Matéria condensada pela UEM e Doutorando em História da Ciência e Educação Científica pela Universidade de Coimbra (UC). CFisUC - Centro de Física da Universidade de Coimbra. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7709-2829>. E-mail: paulo.vilarim@ifms.edu.br.

### Sérgio Paulo Jorge Rodrigues

Professor de Química, investigador no Centro de Química de Coimbra, Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4640-7039>. E-mail: spjrodrigues@gmail.com.

### Décio Ruivo Martins

Investigador de Centro de Física da Universidade de Coimbra – CFisUC, Portugal. Doutoramento em História e Ensino da Física. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6911-5445>. E-mail: decio@uc.pt.

## REFERÊNCIAS

AQUILHERA URQUIZA, A. H. A interculturalidade como ferramenta para descolonizar a educação – reflexões a partir da ação 'saberes indígenas na escola'. **Articulando e Construindo Saberes**, Goiânia, v. 2, n. 1, 2017. DOI: 10.5216/racs.v2i1.48996.

ALBUQUERQUE, E. B. C.; FERREIRA, A. T. B. Programa nacional de livro didático (PNLD): mudanças nos livros de alfabetização e os usos que os professores fazem desse recurso em sala de aula. **Ensaio**, Rio de Janeiro, v. 27, p. 1-21, 2019.

ALVES, G. P. **O protagonismo da Escola Polo Indígena Terena Alexina Rosa Figueredo, da Aldeia Buriti, em Mato Grosso do Sul, no processo de retomada do território da Terra Indígena Buriti**. 2016. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2016.

APPLE, M. **Educação e Poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BITTENCOURT, C. M. F.; LADEIRA, M. E. **A história do povo Terena**. Brasília: MEC; São Paulo: USP/CTI, 2000.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996. Brasília, 1996.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARDOSO, W. D. **A história da educação escolar para o terena: origem e desenvolvimento do ensino médio na Aldeia Limão Verde**. 2011. 143 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

CINTA LARGA, A.; MARTINI, C. M. Proposta de material didático específico para as aulas de matemática nas escolas do povo indígena cinta larga. **Revista de Educação do Vale do Arinos - RELVA**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 60-77, 2021. DOI: 10.30681/relva.v8i1.5523. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/5523>. Acesso em: 31 mai. 2022.

D'ANGELIS, W. R. **Línguas indígenas precisam de escritores?** Linguagem e letramento em foco. Campinas: CEIFIEL/UNICAMP, 2005.

DE OLIVEIRA, C. M.; VECCHIA, A. B. A. A Produção de Material Didático em Audiovisual para Educação Escolar Indígena Guarani Mbya. **Revista Labor**, v. 2, n. 21, p. 24-33, 20 abr. 2020.

DUARTE, E. V. **Concepção e Elaboração de Material de Ensino para Povos Indígenas: O caso apurinã**. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

MELIÁ, B. **Educação Indígena e Alfabetização**. São Paulo: Edições Loyola, Coleção Missão Aberta – II, 1979.

MORAES, R. Uma Tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Discursive textual analysis: a multiple face reconstructive process. **Ciência & Educação**, Bauru, v.12, p.117-128, 2006.

NÉRICI, I. G. **Introdução à Didática Geral**. São Paulo: Fundo de Cultura, 1971.

ROSA, L. Q.; SOUZA, M. V.; OKADA, Al. Open schooling with RRI for a significant participation of indigenous communities in network education. **The Brazilian Journal of Education Policy and Administration**, v. 36, n. 3, p. 1046-1067, 2020.

SOUZA, I. R. C. S. Colonização, Descolonização e Relações de Poder: Diálogos com a Educação Escolar Indígena. **Revista Euroamericana de Antropologia**, v. 4, p. 36-43, 2017.

TEIXEIRA, R. F. B. Significados do livro didático na cultura escolar. *In*: EDUCERE, 10., 2011, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: ED. CHAMPAGNAT, 2011.

TROQUEZ, M. C. C. Currículo e materiais didáticos para a educação escolar indígena no Brasil. **Revista educação e fronteiras on-line**, v. 9, p. 208-221, 2019.

UNESCO. Estratégias didáticas. **Guía para docentes de educación indígena**, México, illus, p. 144, 2016.

Recebido em junho de 2022

Aceito em agosto de 2022

**The Creative Commons License in Revista InterMeio**

**CC BY-NC-SA:** This license allows reusers to distribute, remix, adapt, and build upon the material in any medium or format for non-commercial purposes only, and only so long as attribution is given to the creator. If you remix, adapt or build upon the material, you must license the modified material under identical terms.

CC BY-NC-SA includes the following elements: • BY: Credit must be given to the creator; • NC: Only noncommercial uses of the work are permitted; • SA: Adaptations must be shared under the same terms.